



Instituto Superior de Ciências da Educação

ISCED – HUÍLA

**AS PRÁTICAS RITUALÍSTICAS DO CASAMENTO NAS
COMUNIDADES OVIMBUNDO DA POPULAÇÃO DE
CACONDA, ALDEIA DE CHICAMBI**

Autor: Adelino Kavimbi Javela

Lubango

2022



Instituto Superior de Ciências da Educação
ISCED – HUÍLA

**AS PRÁTICAS RITUALÍSTICAS DO CASAMENTO NAS
COMUNIDADES OVIMBUNDO DA POPULAÇÃO DE
CACONDA, ALDEIA DE CHICAMBI**

Trabalho de fim do curso apresentado para a
obtenção do grau de Licenciatura em ensino
de História

Autor: Adelino Kavimbi Javela

Orientador: Dr. José Alfredo de Matos

Lubango

2022



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIA DE EDUCAÇÃO DA HUÍLA
ISCED-Huíla

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA

Temos consciência que a cópia ou o plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como reprovação ou retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base, eu, **Adelino Kavimbi Javela** estudante finalista do Instituto Superior de Ciência de Educação da Huíla (ISCED-Huíla) do curso de História, do Departamento de Ciências da Educação, declaro, por minha honra, ter elaborado este trabalho, só e somente com o auxílio da bibliografia que tive acesso e dos conhecimentos adquiridos durante a minha carreira estudantil e profissional.

Lubango, 17 de Novembro de 2022

Autor

Adelino Kavimbi Javela

Dedicatória

Dedico ao meu querido marido, a minha linda filha.

Agradecimento

Resumo

No presente trabalho se faz uma abordagem sobre o casamento tradicional em Angola, com principal destaque o casamento dos Ovimbundo do município de Caconda, concretamente na comuna do Gungue.

O casamento é uma instituição de capital importância em todas as sociedades, pois nela, reside o garante da continuidade da raça humana, na fortificação de famílias, da sociedade e do Estado.

O trabalho está estruturado em três capítulos, no primeiro capítulo fizemos a breve discussão teórica, o enquadramento histórico das comunidades ovimbundo, a cultura nas comunidades ovimbundo, a organização política dos povos ovimbundo, rituais do casamento tradicional em Angola, o ritual de casamento dos ovimbundo da comuna do Gungue.

No segundo capítulo, falamos sobre a idade do casamento dos jovens ovimbundo da Comuna do Gungue, o jovem ovimbundo na procura da sua noiva, pedido do jovem ovimbundo à menina, a apresentação e as suas práticas, alembamento (ovilombo) no casamento dos ovimbundo do Gungue, deveres da família do noivo e da família da noiva na preparação do casamento, a poligamia nas culturas ovimbundo, o divórcio nas comunidades ovimbundo, as consequências do divórcio nas comunidades ovimbundo do Gungue.

O terceiro capítulo ficou reservado para análise e tratamento de dados, apresentação da população e amostra, instrumentos da pesquisa, sugestões, bibliografia, conclusões e anexos.

Conceitos-Chave- Casamento, Ovimbundo e Comunidade.

ABSTRACT

In the present work an approach is made about the traditional marriage in Angola, with main prominence the marriage of the Ovimbundo in the locality of Gungue.

Marriage is an important capital institution in all societies, because it is the guarantor of the continuity of the human race, the fortification of families, society and the State.

Despite the many similarities that exist in the traditional marriages of the Bantu groups, there are some differences in the traditional cultural scope that mark the different existing groups, from the meeting of the bride and groom, to presentations, to weddings themselves. These are the elements that we have brought throughout our approach.

The work is organized in three chapters, in the first chapter we made a brief theoretical discussion, the historical framework of the Ovimbundo communities, the culture in the Ovimbundo communities, the political organization of the Ovimbundo people, traditional wedding rituals in Angola, the ritual of marriage of the Ovimbundo Gungue.

In the second chapter, we talk about the age of marriage of the young Ovimbundo of Gungue, the young Ocimbundu in search of his bride, the request of the young Ocimbundu to the girl, the presentation and their practices, alembamento (ovilombo) in the marriage of the Ovimbundu of Gungue, duties of the groom's family and the bride's family in preparing the marriage, polygamy in the Ovimbundu cultures, divorce in the Ovimbundu communities, the consequences of divorce in the Ovimbundu of Gungue communities.

The third chapter was reserved for analysis and data processing, population and sample presentation, research tools, suggestions, Bibliography, conclusions and annexes.

Key Concepts - Marriage, Ovimbundo and Community.

Índice

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA.....	i
Dedicatória	ii
Agradecimento	iii
Listas de Abreviaturas.....	Erro! Indicador não definido.
Resumo.....	iv
ABSTRACT	v
INTRODUÇÃO	8
0.1- Motivação e escolha do tema.....	10
0.2- Problema Científico	10
0.3- OBJECTIVOS.....	10
Objectivo Geral.....	10
Objectivos Específicos	10
0.4- Justificação do Tema	11
0.5- Importância do Trabalho	11
0.6- Limitação do Estudo.....	11
0.7- Instrumentos Metodológicos	11
0.8- Técnicas.....	12
0.9- Definições de Conceitos-Chave	13
CAPÍTULO I- PRODUÇÃO TEÓRICA ACTUAL.....	i
1.1. Estado da Arte.....	i
1.2. Breve Discunsão Teórica	ii
1.3. Enquadramento Geográfico Histórico das comunidades Ovimbundu;	v
1.4. A cultura nas comunidades Ovimbundu;	vii
CAPÍTULO II- O CASAMENTO NA COMUNIDADE OVIMBUNDU: CASO DE ESTUDO NA COMUNA DO GUNGUE.	8
2.1. Contexto Geográfico e Histórico da Comuna do Gungue Erro! Indicador não definido.	
2.2. Contexto Histórico do Gungue	Erro! Indicador não definido.
2.3. Etapas do Casamento;.....	9
2.4. Períodos de Pesquisa	9
2.5. O Namoro, Casamento do Jovem Umbundu;.....	13
2.6. Ovilombo no Casamento Ovimbundu no Gungue;	14

2.7. Rituais do Casamento Ovimbundu.....	17
2.8. A poligamia na Comunidade Ovimbundu do Gungue	17
2.9. O Divórcio nas Comunidades do Gungue.	19
CAPÍTULO III- ANÁLISE E TRATAMENO DE DADOS.....	21
3.1. Preliminares da Investigação;	22
3.1.1. Designs da Pesquisa.....	22
3.1.2. Técnicas para Recolha de Dados	22
3.1.3. População	22
3.1.4. Amostra	22
3.2. Caracterização da Amostra	23
CONCLUSÕES E SUGESTÕES.....	27
Conclusões.....	28
Sugestões	29
BIBLIOGRAFIA E ANEXOS	30
Bibliografia.....	31

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O casamento em África e em Angola especialmente, não é exceção na sua pureza tradicional, mas é diferente dos casamentos ocidentais. Embora a sexualidade desempenhe um papel importante, o casamento tradicional africano é, antes de mais, um meio de prolongar a linhagem de um clã.

Segundo Monteiro (1994, p. 170) trata-se de um casamento que não envolve apenas dois indivíduos, mas sim duas famílias ou tribos que se tornarão uma só. Os principais sujeitos que intervêm no acto do casamento, não são só os nubentes, mas as suas respectivas famílias e a própria estabilidade da união parece depender mais das relações recíprocas destas do que dos comportamentos dos cônjuges.

Ainda o mesmo autor acrescenta que, a expressão casamento tradicional refere-se à união matrimonial acompanhada de alembamento (ovilombo), que é uma formalidade ritual que confere valor jurídico à união, segundo o direito costumeiro (Idem: 171). A celebração do casamento tradicional em Angola é considerada a garantia do cumprimento de um contrato celebrado entre as duas famílias. De mencionar que em Angola, o casamento tradicional é marcado por dois eventos principais que são: o pedido e o casamento.

Com o casamento, entre os ovimbundo do Gungue, a mulher e o homem formam um novo agregado, reforçam a amizade e a aliança entre famílias, tribos, reinos e amigos. Esta aliança, que se forma entre os dois grupos familiares, constitui o núcleo das relações profundas das famílias. Nesta aliança, todos os membros da família colaboram na preservação dos valores culturais e na garantia da fecundidade e prolongamento do casamento.

No presente trabalho faremos a abordagem do casamento na comunidade ovimbundo na província do Huíla, Município da Caconda, concretamente na comuna do Gungue, como este povo realiza os seus casamentos, quais são os passos para um casamento e os rituais mais frequentes neste mesmo processo.

0.1- Motivação e escolha do tema

Nos últimos dias a moda, a aculturação tem vindo a deturpar a pureza original do casamento, principalmente na Comuna do Gungue alvo da nossa investigação. Querendo saber os aspectos culturais do casamento naquela parcela do país, procurando saber como são lançadas as bases para um casamento sólido.

0.2- Problema Científico

A presente pesquisa levou-nos a levantar o seguinte problema científico: Como se realizam os casamentos na comunidade ovimbundo do Gungue no Município de Caconda?

0.3- OBJECTIVOS

A presente pesquisa tem os seguintes objectivos:

Objectivo Geral

- Analisar o casamento na comunidade ovimbundo em Caconda, na Localidade do Gungue.

Objectivos Específicos

- Descrever os princípios que regem o casamento na comunidade Ovimbundo na localidade do Gungue;

- Explicar o papel do casamento na multiplicação do grupo como garante da continuidade do grupo na localidade do Gungue;

- Analisar as diferenças e semelhanças existentes entre os casamentos na comunidade ovimbundo com outros grupos étnicos angolanos;

- Explicar as etapas do casamento na comunidade ovimbundo na região do Gungue.

0.4- Justificação do Tema

As comunidades ovimbundo são um dos grupos bantu maioritário de Angola, cuja cultura não se distancia muito de outros grupos étnicos que povoaram o país. Sendo o casamento uma instituição importante para toda e qualquer comunidade, sendo este também o garante na continuidade do grupo, achamos bem-fazer uma abordagem exaustiva sobre o casamento nas comunidades ovimbundo na comuna do Gungue, tendo em conta algumas tendências de aculturação e imitação que tendem a roubar a pureza original e tradicional do casamento naquela comunidade. Na nossa abordagem pretendemos trazer alguns aspectos marcantes e de muita relevância do casamento nas comunidades ovimbundo daquela circunscrição do país, e todos os passos que devem ser seguidos para que um casamento seja aprovado social e culturalmente e para que este seja considerado duradouro.

0.5- Importância do Trabalho

O presente trabalho tem importância nos aspectos teóricos e práticos

Importância teórica: fornecer à comunidade académica, conhecimentos e interesses pelos usos e costumes da comunidade ovimbundo.

Importância Prática: considerando a maneira como os casamentos são visto hoje e maneira vulnerável como são realizados actualmente, pretendemos trazer à luz os aspectos importantes do casamento daquela comunidade e a sua pureza original, elaborando um texto de apoio.

0.6- Limitação do Estudo

Temos consciência que nenhum tema em si esgota um assunto na sua totalidade, no nosso trabalho pretendemos falar apenas do casamento na comunidade ovimbundo no Município de Caconda, Comuna do Gungue.

0.7- Instrumentos Metodológicos

Método: significa literalmente seguindo um caminho. Refere-se à especificação dos passos que devem ser dados, em certa ordem, para alcançar um determinado fim (Carvalho, 2009, p. 83).

Sobre os métodos de investigação, pretendemos trabalhar com os seguintes:

Métodos históricos, métodos comparativos, métodos de pesquisas documentais e métodos estatísticos.

Método estatístico: segundo Quetelet, os processos estatísticos permitem obter de conjuntos complexos, representações simples e constatar se essas verificações simplificadas têm relações entre si em termos quantitativos.

Para uma investigação consistente, o método estatístico vai nos ajudar na representação dos dados estatísticos das nossas investigações e entrevistas sobre a comunidade em estudo.

O método comparativo será utilizado para comparar os procedimentos da comunidade ovimbundo quanto a realização dos seus casamentos no passado e como são feito actualmente e comparar se a realização dos seus casamentos têm uma semelhança com as dos grupos bantu.

Método de pesquisa documental: Segundo Pimentel Alessandra (2001:180) é um estudo baseado em documentos como material primordial, sejam revisões bibliográficas, seja pesquisa historiográfica, extraem deles toda análise, organizando-os objectivos da investigação proposta, que permite também extrair informações de gravações, rádios, televisão, livros, revistas especializadas, relatório de ONG, internet, artigos de jornais e semanários.

Precisaremos uma base documental para obter informações sobre os casamentos tradicionais em Angola, com o olhar atento ao casamento nas comunidades ovimbundo, buscando obras de muitos autores que falaram sobre o assunto do casamento tradicional.

0.8- Técnicas

Para a elaboração do nosso trabalho, faremos os inquéritos por Questionário e Inquérito por Entrevistas.

O inquérito por questionário: é utilizado para colectar dados, uma vez que possibilita medir com exactidão aquilo que se deseja, é um instrumento de investigação que visa recolher informação baseando-se, geralmente, na

inquirição de um grupo representativo da população em estudo (Leite, 2008:109).

Inquérito por entrevista: é uma das técnicas de colecta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos de maneira mais completa possível com o mínimo de esforço de tempo (Britto e Feres 2011, p. 239).

0.9- Definições de Conceitos-Chave

- **Casamento:** É, basicamente, um acordo entre duas pessoas que implicam direitos e deveres recíprocos. Trata-se, no entanto, de um acordo complexo, já que além de envolver pressupostos sentimentais, engloba todo um conjunto de relações mais objectivas, onde se destacam as de carácter patrimonial (Limo, 1999, p. 348).

- **Comunidade:** é um grupo de tamanho variável, local, composto por indivíduos que preenchem uma área geograficamente estabelecida e estão emparelhados pela mesma herança histórica e cultural (Weeler e René Pelissier, 2009).

- **Ovimbundu:** Os Ovimbundo representam uma das maiores populações bantu de Angola, Eles vivem maioritariamente na região conhecida como Planalto Central Angolano, mas também podem ser encontrados em Luanda, Lubango e Namibe. Tal dispersão pode estar relacionada a várias questões, como a migração - espontânea ou forçada - para realizar trabalhos que interessavam à administração colonial (Museu de Angola, 1955, p. 45).

- **Comuna:** De acordo Onofre Martins dos Santos, define comunas como sendo o terceiro nível de unidades Administrativas depois dos Municípios (Santos, 2012, p. 87).

- **Gungue:** É uma vila e comuna angolana que se localiza na província da Huíla, pertencente ao município de Caconda (MAT, 2018, p. 62).

CAPÍTULO I- PRODUÇÃO TEÓRICA ACTUAL

CAPÍTULO I- PRODUÇÃO TEÓRICA ACTUAL

1.1. Estado da Arte

Para a elaboração do nosso trabalho e, conseqüentemente ao estado da arte, recorreremos a diferentes autores que abordaram sobre o assunto de casamento, com principal destaque os seguintes:

Utilizamos a obra de Eduardo dos Santos (1999), intitulada *Direito da Família* ao falar sobre as origens do casamento, quando o define a palavra casamento como derivada da palavra casa, que em latim significa cabana, tenda, prédio rústico, pequena quinta. É a união de duas pessoas de sexos diferentes, que vão viver juntos numa casa;

A geração de filhos nos grupos *ovimbundo*, é um elemento muito importante para a manutenção do casamento, pois como veremos no segundo capítulo, a falta de filhos nos casamentos *ovimbundo*, gera ingerência dos familiares direitos e que pode levar ao divórcio dos recém- casados. Quando os jovens *ovimbundo* se unem em casamento, as tias controlam os recém- casados, depois de 6 (seis) meses, a 1 (um) ano, se a noiva não conceber, já será motivos de questionamentos, uma vez que para o *ocimbundu* família não se limita apenas em pai, mãe e os seus filhos.

Thales de Azevedo (2004), na sua obra intitulada *o cotidiano e seus ritos* e chama atenção para o facto de que o namoro é uma fase preliminar que permite ao casal a verificação de seus atributos físicos, dos seus símbolos de status, das suas intenções manifestas na persistência dos contactos e na acessibilidade à aproximação.

Ainda utilizámos a obra de Raphael Batsikama (2010), com o título *Revista da História contemporânea*, falando sobre o casamento, em sua discussão e tenta relacionar os vários contextos e similaridades entre Kongos, Umbundu, Cokwe, Nyaneka e os Kimbundu. Esse autor descreve que o princípio da família é o casamento, considera-o como “união de homem e mulher, antes de mais legal, com o único objectivo de constituir uma família”. Para ele, o casamento tem várias apelações, consoante os casos e circunstâncias como, por exemplo,

entre os primos cruzados (*Apalume alipinhanhuã*), entre cunhado (*Nawua*) e cunhada (*Nawua*), etc.

Para nós o casamento na perspectiva do Gungue, é a união de dois jovens, masculino e feminino, que apois o cumprimento de todos os aspectos exigidos pela cultura, unem-se em matrimónio e que esta união também liga ás famílias de ambos.

1.2. Breve Discunção Teórica

É importante lembrar que o casamento, nascimento e morte são os três principais eventos na vida dos seres humanos. Mas, apenas um deles, o casamento, é determinado por uma escolha. Não decidimos quando e onde nascer e nem quando morrer, mas é possível decidir quando e com quem casar. O direito de exercer essa escolha é reconhecido pelas leis de todas as nações e pelos costumes de diversas comunidades humanas, e tem sido desde há muito tempo consagrado nos instrumentos jurídicos internacionais de direitos humanos.

Outro vocábulo empregue como sinónimo de casamento ou matrimónio são os termos núpcias e consórcio. Núpcias é a tradução literal latim *de nuptiae*, do verbo *nubere*, que significa cobrir-se, tapar-se. Consórcio é a conjugação de cum (com) mais sors (sorte), ao casarem partilham de uma sorte comum. O termo casamento designa também, a situação jurídica resultante do acto (Prata, 2015 p. 239).

O casamento é uma espécie de contrato, que é acordado entre as partes e celebrado entre pessoas legalmente capazes, na forma prevista em lei (Gonçalves, 2004, p. 162).

Para Diogo Leite Campos (2003), o casamento é uma parceria para toda a vida, uma comunidade conjugal de vida, plena, completa, total, exclusiva, indissolúvel, que transforma os cônjuges numa só carne, em todos os aspetos do seu ser e da sua vida (Idem: 160).

Na cultura umbundu esta definição pode não se enquadrar, porque nos casamentos ovimbundu não vinca a indissolução do casamento, porque se o novo casal tiver algumas dificuldades nos primeiros anos como casados, como a falta de filhos, falta de Higiene (*umbondo*), se a noiva recusa (*okulimila*), as famílias usam da ingerência e muitas vezes os recê-casados são obrigados a partir para o divórcio.

Segundo Varela (1999), o casamento é o acto jurídico fundamental do direito da família, pois através do vínculo matrimonial se constitui o cerne da sociedade familiar. Pode haver relações de carácter familiar ou para familiar, como a adopção ou a filiação natural.

Nas comunidades ovimbundu do Gungue, os familiares podem se unir em casamento, como por exemplo, tio casar a sobrinha (*Inano okuela ocimumba*), primos (*Apalume*) podem se casar. Logo, podemos afirmar que os ovimbundus do Gungue em muitos casos se casam entre família.

O casamento, como uma espécie de cerimônia de herança, é a característica da agregação e, ao mesmo tempo, é simbólico, social e material. Para os jovens cônjuges, esta experiência marca um novo estado, ou seja, os adultos entram em um novo estado, a situação específica é que os jovens deixam a casa dos pais para construir novas casas. Porém, por ser uma cerimônia popular, o casamento se mostra culturalmente como um sistema social com diferentes significados sociais. Como ritual geral, o casamento não visa apenas regular as relações sexuais e a fertilidade, mas também as relações sociais entre a família e o grupo humano.

Na cultura ovimbundu, podemos identificar a agregação simbólica, porque durante o processo do casamento existem muitos aspectos simbólicos, como por exemplo, a pulseira¹ que o rapaz coloca no pulso da rapariga, símbolo de que a rapariga está ocupada, as cabaças cheia de bebida feita de farinha de milho (*ocissangua*), um garrafão de vinho que se entrega no acto da apresentação para a família do noivo pedir licença (*uliatasseke*), entre outros fazem a dimensão simbólica.

¹ *Ocinunga*

Quanto a dimensão social, os ovimbundus nos seus processos de casamento, reúnem famílias para acordos relacionados ao casamento, que deverão reunir consensos para a efectivação do casamento, comem juntos, bebem e aproveitam ensinar os jovens que se casam como devem conviver socialmente quer seja com as suas famílias, assim como para a sociedade em geral. O aspecto material tem a ver com os bens que os familiares do rapaz levam no dia do alambamento para a família da rapariga, como por exemplo, o fato quer seja do pai ou da mãe, o cinto (uvia woponda) e outros meios necessários para a referida cerimónia.

O casamento também visa regular a prole, a herança, a herança e a ordem social, que são as funções mais antigas das cerimônias de casamento. Para West Gallen, reconhecer a variabilidade e os significados das cerimônias de casamento pode permitir que as pessoas entendam as razões pelas quais elas são mantidas na sociedade moderna (Segalen, 2002, p.119).

Azevedo (2004), falando do casamento em sua pesquisa sobre namoro e noivado, disse que a interpretação dos componentes morais e estruturais da instituição é parte importante da análise da organização social de pessoas simples e complexas (Azevedo, 2004; p. 76))

Neste depoimento, acreditamos que ele fornece evidências e simbolismos que todo grupo social e cultural atribui às suas práticas sociais, especialmente para aqueles que acreditam que a manutenção de uma vida coletiva é essencial.

Acreditamos que o casamento é um sistema que marca a vida humana pelos canais que produz. Com o passar do tempo, o casamento se tornou uma ferramenta importante para a manutenção de grupos sociais e uma parte da cultura que representa toda a raça humana.

Portanto, na interpretação de Geertz (1989), as cerimônias de casamento podem ser caracterizadas como comportamentos culturais, que são demonstrados por meio da reconstrução e manutenção de costumes e tradições, e tornam-se eventos sociais por meio do uso de formas simbólicas. Portanto, em toda sociedade, o comportamento conjugal está relacionado à organização social, suas regras e padrões culturais correspondentes.

Portanto, quando Azvedo falava das regras do casamento, definia-as como regras e padrões derivados da organização social, do sistema de parentesco e dos tabus do incesto, que determinam a escolha do cônjuge e a união matrimonial aprovada (ibid .: 76)

A autora mostra que o casamento precede o entendimento entre os futuros cônjuges e suas famílias, e destaca que o noivado (Ndombua kwenda Sandombua) é uma etapa importante na realização do casamento. Quando se torna oficial em grupos familiares e sociais, distingue namoro de namoro (okulimbombala). Ele disse que o namoro muitas vezes leva e promove a escolha de evidências para futuros cônjuges e leva a escolhas adequadas; evitar promiscuidade sexual futura, corrigir os sentimentos de parceiros solteiros em casamentos monogâmicos e adaptar-se ao casamento e aos pais e maridos. Costumes relacionados ao papel da esposa (ibid .: 130).

Chegamos a um acordo com diversos autores que acreditamos que o casamento é uma expressão cultural alegre que visa permitir aos jovens a transição para a idade adulta, é também um ato de união de diferentes grupos sociais em relações íntimas. Portanto, a realização do casamento pode ser alcançada por meio Existem diferentes rituais e expressões culturais em todos os aspectos, e essas expressões envolvem as famílias de ambas as partes, os amigos de meninas e meninos.

1.3. Enquadramento Geográfico Histórico das comunidades Ovimbundu;

Após uma breve discussão teórica, determinaremos e estabeleceremos um quadro histórico para a comunidade Ovimbundu na expansão territorial de Angola desde as suas origens.

Portanto, Ovimbundu será descendente do povo Bantu que se estabeleceu no Planalto Central. No entanto, as hipóteses sobre a origem dos Oysteridae são diversas e nem sempre é possível chegar a um consenso. Essas hipóteses dividem-se entre a hipótese de que Ovimbundu é natural de Benué (um vale no leste da Nigéria), a hipótese que defende a hipótese de que será o resultado de

uma mistura de outros grupos e a hipótese de que eles acreditam que se misturam. Descendente do autor das pinturas rupestres Kañilili.

Segundo a primeira hipótese, segundo os seus autores, os ovos deveriam ter atravessado o Atlântico e se estabelecido em Benguela. Por serem agricultores, foram para o Huambo e o Planalto Biye, onde as terras são mais férteis. Esses autores usam dados linguísticos para apoiar essa hipótese. Portanto, segundo ele, certos termos usados por ovimandu, em vez dos usados pelos bantos mais próximos, são mais semelhantes aos igbo da Nigéria. Esse é o caso de "Suku" (Deus), "omunu" (pessoa) e "twendi" (deixar ir). Por exemplo, Kim Bundu usa a palavra "Zâmbia" para se referir a Deus (Lukamba, 1987, p. 42).

Os partidários da segunda hipótese afirmam que Ovimbundo é uma combinação de vários grupos étnicos angolanos. Portanto, não são homogêneos (S. Paulo, 1952, p. 123).

Defensores dessa hipótese, os estudiosos insistem na lingüística e acreditam que o ovimbundo seja descendente do bakongo, pois, segundo eles, a língua umbundo é uma síntese do bantu-congo e do bantu-lunda.

Na verdade, em nossa opinião, essa hipótese tem uma certa base científica, porque a partir de sua posição no planalto central, Ovimbundu pode ser conectado a Ambundu no centro da cidade de Kasanji; está conectado a Cokwe e Luda, e Nganguela no leste. Está intimamente relacionado com Nyaneka no sul. Pode até explicar sua poderosa versatilidade e impressionante capacidade de adaptação a diferentes habitats dessa relação simbiótica, ou seja, esse mal-entendido não se limita à linguagem e à biologia, mas também à adoção de conhecimento, tecnologia e forma. Um esforço coletivo para lutar contra as adversidades naturais (Idem: 123).

A família Ovimbundu atualmente consiste em vários subgrupos: Vambalundu, Vaviye, Vawambu, Vangalangui, Vandulu, Vacingolo, Vakakonda, Vasele, Vasambu, Vaciyaka, Vakata, Vanganda Vacikuma. Estes subgrupos vivem na área, incluindo Huambo, Benguela, Biye, Vila do norte e Kwanza Sur (terras

férteis onde se podem cultivar cereais, jardinagem e boa criação de gado, especialmente condições de gado); (Lucamba, 1987), p. 42).

Assim, podemos perceber a origem da etnia Ovimbundo e, a partir das buscas realizadas, queremos apenas acrescentar que pesquisas futuras, sejam elas lingüísticas, arqueológicas ou de tradição oral, podem fornecer outras informações importantes para a compreensão da etnia Ovimbundo. dados. A origem do Ovimbundo e trouxe uma nova fonte de informação para o grupo.

1.4. A cultura nas comunidades Ovimbundu;

Após uma breve introdução às características históricas e origens da tribo Ovimbundu, apresentaremos a cultura da comunidade Ovimbundu.

Segundo Malumbu (2005), além de participar diretamente das manifestações sociais dessas atividades, para Ovimbundu, não há melhor forma de introduzir novos conhecimentos às pessoas e forjar novos conhecimentos em usos, costumes, tradições e crenças. .

Segundo a autora, um deles é o ondjango no processo de educação não formal, que é uma escola tradicional reconhecida em uma grande estrutura familiar, onde as crianças são levadas para aprender aspectos gerais da vida com os mais velhos. Desempenha um papel importante na educação precisamente porque reúne mestres cerimoniais e transmite o conhecimento que eles acumularam ao longo do tempo para o filho mais novo. No ondjango, narrativas orais e outros textos incorporados em códigos orais (como provérbios e charadas) também são considerados objetos de ensino.

Para a comunidade Ovimbundu, em onjango, a educação dos mais jovens é transmitida por meio de conhecimentos ancestrais, que são transmitidos dos idosos à nova geração, e os jovens devem dominar esses conhecimentos para se prepararem para os desafios da vida . É no onjango que os jovens migram da adolescência para a idade adulta e difundem valores culturais e tradicionais, portanto, como o casamento (olowela), a fase iluminista da circuncisão (evamba / ekwenje) e seus rituais) e outros jovens devem caminhar para a integração Os costumes culturais da sociedade estão avançando.

**CAPÍTULO II- O CASAMENTO NA COMUNIDADE
OVIMBUNDU: CASO DE ESTUDO NA COMUNA DA
CATATA.**

CAPÍTULO II- O CASAMENTO NA COMUNIDADE OVIMBUNDU NO MUNICÍPIO DA CAÁLA NA COMUNA DA CATATA.

2.3. Etapas do Casamento;

Já, por sua vez Bento Katchikole realça que por uma questão de segurança, no sentido de que o jovem não venha a desviar-se dos ditames tradicionais que regem a cultura e trazer influências negativas no seio familiar, é importante que o jovem se case com idades compreendidas entre os 17 a 20 anos e a jovem entre os 15 a 20 anos por que são idades em que os conselhos são bem recebidos, eles vêm para o casamento sem nenhum histórico ruim como tem sido o caso de raparigas que se casam, mas que já andaram com muitos rapazes e vice-versa. O aconselhável é, eles se casarem mesmo nessas idades para que comessem mesmo juntos caminhem na vida de casamento. Hoje há dissolução dos lares porque a vida conjugal começa já com muito histórico de má fama e isto afecta negativamente o relacionamento do casal².

2.4. Períodos de Pesquisa

Falando concretamente das cerimónias do casamento entre os ovimbundus, o primeiro passo é o contacto entre os jovens que pode ser de dois tipos: contacto arranjado ou contacto voluntário dos noivos. No contacto arranjado, são os pais dos jovens que indicam para o seu filho a futura mulher ou o futuro marido com quem ele / ela deve se unir em matrimónio, depois de se estudar a família da menina / do rapaz. O nível de amizade existente, as práticas desta família, a sua estabilização social e económico são entre outros factores que levam os pais a influenciar na escolha da esposa / marido para os seus filhos.

Do outro lado, a rapariga depois deste primeiro contacto que às vezes, sem saber já discutido pelos pais, ela vai informar à sua tia e esta por sua vez, informa aos pais da rapariga que podem ser surpreendidos ou não, no caso de surpresa, estes também por sua vez estudam o comportamento social da

² Conversa com o Sr. Belchior Ulombe, de 60 anos de idade, no dia 07 de Março de 2022, residente em Chicambi há 40 anos.

família do jovem, só depois orientam para a rapariga, se poderia aceitar o jovem ou não.

Concordamos com o autor e com os nossos entrevistados, pois o casamento busca laços entre diferentes grupos sociais, que através do casamento de duas pessoas, os dois grupos sociais deverão partilhar em muitos eventos sociais, pelo que os mais velhos sempre tiveram o cuidado de fazer um estudo minucioso do futuro parceiro do seu filho ou filha, para acautelar as futuras divergências entre os grupos.

O casamento na comunidade ovimbundu da Catata, o seu consentimento é, em grande medida, manifestado pelos familiares de ambas partes, tais como: tios, pais, avós e tantos outros elementos com profunda credibilidade e respeito no seio familiar.³

Quando o assunto é casamento então a coisa é séria e não é aconselhável o jovem começar sozinho este processo sem que a família se envolva porque na tradição umbundu tem-se dito que (*vakwelakwela epata kavakwelakwela ukã ale ulume*) se casa a família e não somente o homem ou a mulher, o que significa que a esposa deve ser querida pela família e não apenas pelo marido. Ainda que o jovem diga que esta moça não é comportada, mas a família aprova a referida rapariga, ele deve casar porque assim a família aprovou, mesmo quando houver problemas no relacionamento, a família responsabilizar-se-á. Assim sendo, o jovem umbundu na procura da futura noiva, deve obedecer alguns procedimentos tais como:

1º- Cabe a ele encontrar uma rapariga a quem ele venha amar de forma indirecta, antes, mas terá a obrigação de contar ao tio ou falar com um membro idónio da família esse assunto. A família por sua vez vai espoletar um conjunto de pesquisas para apurar a vida comportamental da família da rapariga que na verdade é o rosto daquilo que, futuramente poderá ser a esposa. Após esse passo, se se apurar que a família da rapariga tem “ficha limpa”, agora o

³ Conversa com o Sr. André Chimuco, de 72 anos de idade residente na aldeia de Chicambi, no dia 07 de Março de 2022.

processo deixa de ser do rapaz e passa a ser da família. Todo esse processo, às vezes, pode ser efetuado sem o conhecimento da rapariga em alguns casos.⁴

2º - Há casos em que o jovem não procura noiva, quem procura para ele são os familiares e tudo pelo facto dos familiares, os tios terem o poder e a obrigação de trazer para a família bons hábitos e costumes por intermédio das noivas que os tios escolhem para os seus sobrinhos.⁵

3º- Com muita frequência as famílias têm optado no casamento endogêno, ou seja, casamentos entre primos, tio e sobrinha, em fim, com o objectivo de manterem a pureza das boas práticas e hábitos saudáveis no seio familiar. A ideia tem se baseado na falta de confiança de outras famílias, pelo facto do casamento ser a porta de entrada na outra família e de práticas repudiáveis como: bruxaria (okulyangula), feitiçaria (owanga) drogar o marido (okulisa ulume) e tantas outras que mancham o bom nome da família.⁶

Segundo Monteiro (1994), trata-se de um casamento que não envolve apenas dois indivíduos, mas sim duas famílias ou tribos que se tornarão uma só. Os principais sujeitos que intervêm no acto do casamento, não são, pois, os nubentes, mas as suas respectivas famílias e a própria estabilidade da união parece depender mais das relações recíprocas destas do que dos comportamentos dos cônjuges (Monteiro, 1994, p.170).

Pensamos nós que os casamentos arranjados apresentam algumas vantagens e desvantagens. As vantagens é que nos casamentos arranjados os mais velhos estudavam minuciosamente as famílias do rapaz ou da rapariga com que o seu filho ou filha deseja unir-se, desde os hábitos culturais, as doenças predominantes na família, se a família é trabalhadora, estudar todos os defeitos e virtudes que a família tem, para se evitar a transmissão ou a importação de hábitos negativos para a família.

⁴ Conversa com o Chefe da área Social da Administração do Gungue Sr. Nunes Lukunde, de 62 anos de idade no dia 07 de Março de 2022.

⁵ Conversa com o Chefe da área Social da Administração do Gungue Sr. Nunes Lukunde, de 62 anos de idade no dia 07 de Março de 2022 .

Desvantagens de casamentos arranjados, é que se existir complicações futuras, os jovens vão alegar não serem eles mentores do casamento e se alguma parte encontrar pretextos para não continuar no casamento, a razão de não ser ele que arranjou o seu parceiro, justificando que não havia amor, porque o casamento foi realizado para agradar as famílias e não aos próprios nubentes.

Na comunidade tradicional da Catata, com os ventos actuais da rápida fluidez e migração de jovens estudantes e tantos outros que vão fazendo a vida nas comunidades, os nubentes estão sendo influenciados pela importação de culturas, e isto tem influenciado no consentimento matrimonial.

Não é habitual nas comunidades tradicionais o jovem casar-se com alguém fora do consentimento dos seus familiares. Na Catata, tem sido notória a manifestação do consentimento matrimonial por parte dos nubentes sem a aprovação das famílias. Nas práticas costumeiras da comunidade Catatense, os jovens podem, mutuamente consentirem casar, mas a última palavra terá que ser sempre e necessariamente de um membro idóneo da família.

Observamos que a existência das Escolas desde o ensino primário ao ensino secundário até ao segundo ciclos na Catata, tem influenciado a larga medida, o desenfrear de casamentos com consentimento dos nubentes e sem autorização dos pais, tios, avós ou outros membros familiares.

Os jovens estudantes apaixonam-se entre colegas e consecutivamente podem chegar ao ponto de se engravidarem, o que aos olhos das práticas costumeiras da comunidade, a família do rapaz tem de reconhecer a rapariga grávida como legítima esposa deste, sob pena de estar exposta à vergonha familiar da rapariga, causando deste modo, conflitos no seio das famílias.

2.5. O Namoro, Casamento do Jovem Umbundu;

Durante o namoro, com o consentimento dos familiares e com maior relevância dos tios, é a família do rapaz que desencadeia todo este processo de pedir a mão da rapariga ao casamento. O tio do rapaz na companhia de mais alguns familiares desloca-se à casa da rapariga e em consertação com os familiares desta, pedem a mão da rapariga em casamento levando um garrafão de aguardente, mas duzentos Kwanzas que fica por baixo deste, como sinónimo de que o assunto é sério e o rapaz deixa um sinal na rapariga como um relógio, anel, pulseira símbolo de consentimento para com a jovem com o objectivo de ocupar a rapariga. A partir do momento que o rapaz leva os seus familiares para a apresentação junto da família da rapariga, nenhum outro jovem da aldeia deve ir ao encontro da rapariga com as mesmas intenções, pois ela já está ocupada⁷.

Como vimos, após o discurso informal, por não cumprimento de normas rígidas, trata-se de um simples conhecimento do noivo e do tio que tem um certo entendimento da família da noiva. Este é o primeiro passo para consolidar esse processo. A família do menino sai a promessa da próxima reunião, que será comunicada à família da noiva por meio de seu representante legal (ou seja, tio ou esposa do tio) antes da reunião, levou a uma declaração formal em que toda a família do noivo é apresentada à família da noiva. Ao se encontrarem, têm a responsabilidade de saudá-la, como um pronome de respeito e consideração. Por isso, nesta apresentação o jovem não só vem com o tio, mas com todo o aparato familiar disponível naquele momento porque afinal esta é a apresentação mais solene e considerada como início do casamento na cultura Ovimbundu da comunidade da Catata. A família da rapariga vai conhecendo a outra família completa do rapaz.

O objectivo desta apresentação é o de as famílias conhecerem-se completamente e perspectivarem o casamento futuro de seus filhos. A um banquete nesta altura, uma confraternização entre famílias, é um momento

⁷ Conversa com a Sra. Luísa Bimbi, camponesa de 47 anos de idade, residente no sector da Moreira, Comuna do Gungue. no dia 07 de Março de 2022.

memorável de alegria entre as partes. E neste, entretanto dá-se também a data de entrega dos *ovilombo*. Assim, a nossa entrevistada descreve da seguinte forma a segunda viagem da família do noivo à família da noiva:

Na comunidade ovimbundu da Catata, a cissangua levada nas cabaças é sinal de que na casa de uma mulher casada não pode faltar cissangua, pelo que sempre que as famílias visitarem o lar, não podem regressar sedentos.

A primeira cabaça é para *uliatasseke*, que significa autorização para penetrar ou autorização de entrada no quintal dos pais da rapariga, a segunda cabaça serve para Umenula mela, que significava pedir autorização para se falar e a terceira é uma cabaça que simboliza a solicitação da carta de pedido, que será escrita pela família da rapariga e enviada para a família do rapaz que deverá preparar tudo que constar da carta que deverá ser apresentada no dia do pedido o que chamamos de *ovilombo*.⁸

2.6. Ovilombo no Casamento Ovimbundu na Catata;

Após a etapa acima, surgiu um dos momentos mais marcantes da cultura tradicional do casamento, a entrega de Ovilombo, etapa que não só marca o futuro casal, mas também todos os envolvidos no tema do casamento.

Angola é um país multicultural e multiétnico. Uma breve confirmação sócio-histórica de certos grupos, raças e culturas em Angola, e já que se trata de mulheres, vale a pena descrever a tradição mais antiga, e essa tradição pode perdurar até hoje (Teixeira, 2015, p. 32).

Alambamento (Proposta à Noiva) é uma tradição cultural muito longa, supostamente mais importante do que os casamentos folclóricos ou religiosos (Teixeira, 2015, p. 32).

⁸ Conversa com a Sra. Luísa Bimbi, camponesa de 47 anos de idade, residente no sector da Moreira, Comuna do Gungue. no dia 07 de Março de 2022.

Segundo Clara (2010), o alambamento consiste em uma série de rituais tradicionais, por exemplo, o conteúdo de uma carta deve incluir o pedido da mão da noiva, oferta e, às vezes, até dinheiro (Clara, 2010, p. 13).)

Quando o jovem casal de namorados decide casar, é necessário ter o consentimento da família da noiva e para tal é preciso que durante a reunião familiar toda a família chegue a um consenso. Os familiares marcam o dia do pedido (*ovilombo*), este dia é marcado pelos tios da noiva. Para reuniões familiares, dê uma lista do que o noivo deve ser capaz de coletar. Esta lista contém vários produtos, que podem variar de acordo com a origem e etnia da família da menina em questão. A data da encomenda (*ovilombo*) está fixada e o noivo enfrenta o desafio de recolher todos os produtos solicitados pela família da noiva, pois pode perder qualquer coisa. Só para citar alguns: o rico envelope prescrito pelo tio, o lenço branco que costumava simbolizar a pureza da noiva, o terno do pai, um par de sapatos, chapéus de três pontas e as roupas para a mãe da menina e outros bens que são vitais para o pedido (*ovilombo*) (Teixeira, 2015, p. 33).

Chapéu de três pontas não faltam nas mercadorias que o noivo deve preparar, pois simboliza o respeito ao sogro e a dignidade do pai da noiva, para protegê-lo da luz solar.

O casamento desempenha um papel fundamental no amadurecimento e responsabilidades dos futuros casais e na estabilidade das suas relações ao longo da vida. Este é um marco importante e deve marcar seus muitos anos de vida.

É no acto de alambamento que as famílias chamam atenção aos jovens no sentido de como se deve tratar sempre bem a mulher ou o homem e não apenas nos primeiros anos. Pois o facto de ter dado alambamento não justifica uma conduta de contínua escravidão. Se o rapaz não a estima como deve, ela poderá deixá-lo e ir para junto da família deste. E os familiares aconselham sempre a tomar, logo de início, uma norma de proceder nem suave, nem dura demais, mas respeitar sempre a sua maneira de ser e de pensar, para assim poderem viver em paz (Massanga, 2014, p.123).

Os *ovilombo* desempenham um papel fundamental, pois tem sido o elo entre as duas famílias que deverão se envolver em todas as suas facetas e servem para que todas as famílias participem do testemunho do casamento dos jovens,

assim como mostrar aos jovens a solenidade do casamento e levarem em conta o respeito da união de casamento celebrado na presença das grandes figuras familiares e que o jovem casal não deverá, de ânimo leve, frustrar os conselhos recebidos durante as cerimônias do casamento e, segundo o nosso entrevistado defende que:

Mais importante do que o casamento civil ou o casamento religioso é a residência tradicional. Na comunidade Katimb ovimbundu, o alambamento é considerado um ritual básico: o alembamento é um presente necessário da família da noiva para a família do noivo.

Tecidos africanos, pedidos, dotes e presentes simbólicos definem os casamentos tradicionais. Na comunidade Gungue, a acomodação vai muito além do dedo anular do dedo, muito além do joelho dobrado apoiado no chão. Este é um elo muito importante porque elogia a família e é considerado o “ pilar” da felicidade.

Segundo Mbambi (2014), alambamento é uma palavra nova criada pelos angolanos para preencher lacunas na verificação da língua portuguesa, pelo que ovilombo é designado como objeto de proposta de casamento no umbundo. Para o autor, a palavra ovilombo vem do verbo okulomba, que significa "perguntar" em português. A pronúncia deste idioma no alojamento também foi alterada. A palavra vem da palavra okulemba (por exemplo, console). Segundo o depoimento: “Mudar uma filha para um novo lar vai causar um pouco de dor para os pais, e eles devem ser consolados (agora!)” (Mbambi, 2014, p. 2).

Mas, o mais importante, os africanos acreditam que o arabamento é uma boa recompensa para a noiva, por causa de seus bons modos pessoais e dos pais que a criaram, e porque não é fácil educar sua filha na virtude, porque nela Existem muitas tentações à espreita na vida. O seu bom comportamento baseia-se no bom comportamento dos pais, por isso todos devem ser recompensados: filha e pais! Esse prêmio passa a ser alambamento! (Mbambi, 2014, página 2).

No dia da hospedagem, muitos pré-requisitos culturais foram atendidos sem pressa em observar, o que garante a pureza original do casamento tradicional, como vemos nos sub-temas subsequentes, trataremos de todos os sinais do processo de casamento nele Cerimônia. Sua universalidade.

2.7. Rituais do Casamento Ovimbundu

Os casamentos tradicionais em Angola obedecem a muitos aspectos importantes, simbólicos e solenes, quer seja para a noiva ou noivo, para a família da noiva ou do noivo, ou para todos os participantes envolvidos.

De acordo com Soba Tchiteculu, na operação ovilombo contra a comunidade Catata, alguns tecidos africanos (geralmente tecidos congolezes) foram substituídos pelas cerimônias de recepção do noivo. É uma espécie de tapete ou tapete para mostrar respeito pela família. Antes de a tia da noiva do noivo entrar, a família do noivo é obrigada a depositar dinheiro para entrar no território dos pais da noiva.

Segundo nossos entrevistados, ao entrar na casa da noiva ou no local escolhido para o casamento, o noivo é cercado pelas tias da noiva, que se preparam como se fossem um rei. Limpe seus sapatos, descubra os fatos, limpe sua testa. Na sala de conferências, a família do noivo está à direita e a família da noiva à esquerda. No altar frontal e central, há duas cadeiras para os noivos. A cerimônia começa de acordo com a carta do pedido.

O anfitrião da família da noiva inicia a cerimônia, esperando dar as boas-vindas à família do noivo e convidá-los a falar. Por outro lado, o porta-voz do noivo explicou os motivos que os levaram a ir à casa da noiva, embora os fatos sejam bem conhecidos. Em seguida, apresentou todos os familiares que o acompanhavam.

2.8. A poligamia na Comunidade Ovimbundu da Catats

Observamos que no contexto da África, principalmente em Angola, existem muitos casos de poligamia, um homem pode ter mais de uma esposa, esta situação tem certa legitimidade social, e a poliandria é de ordem social. O ângulo é fortemente condenado. Em Angola, um homem pode ter duas ou mais mulheres, desde que o homem desempenhe o seu papel em todos os homens. Esse fenômeno pode ser visto em muitas situações e é difundido na sociedade, mas as mulheres não podem ter muitos cônjuges, pois isso vai gerar desprezo e críticas na sociedade.

O mesmo autor apontou que a poligamia é uma combinação de uma pessoa e vários sexos opostos.

No entanto, Levi Strauss acredita que a poligamia não contradiz as necessidades de uma distribuição justa das mulheres, mas apenas sobrepõe uma regra de distribuição a outra (Lévi-Strauss, 1976, p. 84).

No Antigo Testamento, a própria Bíblia diz que o rei Davi teve várias mulheres. A Bíblia diz no Capítulo 5, Seção 13 de 2 Samuel: Depois que Davi voltou de Hebron, ele também se casou com Conc e uma mulher de Jerusalém. Um ótimo saneamento fez mais crianças. Após sua morte, seu filho, o rei Salomão, também teve muitas mulheres e concubinas.

A professora Medina disse em resposta à poligamia que a aceitação da poligamia se transformou em uma dedicação legal aos direitos dos homens, porque ao contrário, somente se a mulher tiver poder real, ela se casa com mais de uma mulher sucessivamente, e Para não dissolver o casamento anterior (Medina, 2004, p. 134).

Falar de poligamia em África, especialmente em Angola, é falar de um costume antigo, praticado desde os nossos antepassados, mas que foram impostas algumas regras, regras essas que foram espiadas em grande medida. Acima.

Por exemplo: um polígamo deve ter condições financeiras para manter as diferentes famílias que se propõe constituir, e as esposas devem gozar das mesmas condições sem desigualdade. A poligamia não pode colocar comida em uma sala, mas não em outra. Esta é uma regra que deve ser observada com atenção. Você não pode adicionar cabeças de touro a uma casa e a outra não tem tais condições. Isso viola completamente as regras básicas da poligamia. Em alguns casos, se as mulheres tiverem que reclamar, isso pode levar ao divórcio. Macarrão Soba ou governador da comunidade.

Segundo nosso entrevistado, ele acredita que a monogamia na comunidade Katata tem outras condições devido à sua pureza original. Além da situação financeira, você também deve ter uma vida sexual física para poder passar a noite na casa de sua esposa e dividir a semana pelo número de esposas. Neste ponto, a comunidade Ovimbundu em Katata tem uma poligamia muito óbvia, mas não é incompatível com as regras da poligamia. Ou seja, existem

muitas pessoas polígamas que não têm condições financeiras para realizar a transferência física, o que é benéfico. Em uma parte, ele danifica outra parte.

Como vimos, a poligamia é um problema antigo, mas no momento, alguns homens tratam a poligamia de forma irregular, e sua poligamia freqüentemente fere as mulheres que são menos amadas posteriormente e este tipo de poligamia A criança resultante.

2.9. O Divórcio nas Comunidades da Katata.

Desde a traição, o divórcio nesta comunidade foi causado por vários motivos, principalmente mulheres, morte e vários mal-entendidos.

Para Vaz Ferreira, a dissolução natural do casamento é a morte de um dos cônjuges. No entanto, devido a muitas razões diferentes, muitas vezes acontece que a convivência não pode ser sustentada. Devido à ruptura da família, o contrato não cumpriu o seu objetivo legal (Ferreira, 1961, p. 11).

Em todas as comunidades, o divórcio, em grande medida, sempre trouxe consequências prejudiciais, especialmente quando é inútil causar tais consequências. Os filhos não têm um paradeiro exato. Agora estão nas mães, agora estão nos pais. Nessa marcha, eles perderam uma educação que pode ser melhor administrada.

Na comunidade Catata, quando as esposas saem e trazem suas coisas para o possível entendimento entre marido e mulher, é necessário devolvê-las às suas casas, não podendo mais retornar a essas coisas, pois se diz que essa ferramenta foi afetada pelo vento. O marido deve recebê-lo novamente, o que deve ser feito, mas a esposa deve entrar na entrada do utensílio retirado de casa quando a esposa sair. Agora, esta é outra consequência de tentar o divórcio e depois a outra parte desistir.

No entanto, se o homem se divorciar de sua esposa e se casar com outro, o novo marido terá que reembolsar todas as despesas de alambamento (ovilombo) por causa da cerimônia solene da tradição okulomba em que a

esposa se torna propriedade especial do marido. , O novo marido vai pagar o preço da falta de respeito (elaviso).

Percebemos que, seja poligamia ou divórcio, as mulheres parecem ser a parte mais vulnerável e os filhos sempre sofrem com a atitude dos pais.

Sendo assim, acabamos de descrever os aspectos que achamos pertinente abordar no trabalho e apresentamos todos os aspectos pertinentes sobre o casamento na comunidade Ovimbundu da Katata e todos os seus elementos culturais que devem ser observados para qualquer processo de casamento.

Prosseguiremos com o capítulo três, no qual discutiremos a análise e o processamento dos dados e a apresentação dos resultados da pesquisa.

CAPÍTULO III- ANÁLISE E TRATAMENO DE DADOS

CAPÍTULO III- ANÁLISE E TRATAMENO DE DADOS

3.1. Preliminares da Investigação;

3.1.1. Designs da Pesquisa

A nossa busca teve como fundamento o casamento nas comunidades ovimbundu do Gungue. A nossa pesquisa é Descritiva, e segundo Gil (1999:43), este tipo de pesquisa tem como objectivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenómeno, estabelecimento de relações entre variáveis. Utilizamos para tais fontes bibliográficas, inquérito por entrevistas e por questionário.

3.1.2. Técnicas para Recolha de Dados

O nosso instrumento de pesquisa é o inquérito por questionário. O inquérito tem como objectivo a recolha de dados que podem ser analisados estatisticamente para revelar padrões ou regularidades (Giddens, 2010, p. 650). Segundo Gaspar e Diogo (2010, p. 108), a aplicação do questionário é um procedimento clássico das ciências sociais para a obtenção de informações.

3.1.3. População

Segundo Gomes (2003, p. 27), define população como sendo o grupo de elementos distintos possuindo certo número de características comuns, sendo estes elementos chamados também de unidades populacionais, sobre os quais serão recolhidas informações.

Para a nossa pesquisa, determinamos como população 35 casais da Comuna do Gungue.

3.1.4. Amostra

Amostra é um subconjunto de indivíduos da população alvo e para que as generalizações sejam válidas, as características da amostra deve ser as mesmas da população (Gomes, 2003, p. 28). Selecionamos uma amostra aleatória de apenas 25 casados. Dos quais 18 (72%) do sexo Masculino e 7 (28%) do sexo feminino.

3.2. Caracterização da Amostra

Tabela 1 Caracterização Geral da Amostra dos casados inqueridos.

Idade/Anos	Nº de casados	Percentagem
26-30	8	32%
31-40	9	36%
41-50	7	2%
55	1	4%
Total	25	100%

Fonte: elaboração própria

3.4- Questionários aplicados aos casados

Tabela 2 Questão nº 1- Já ouviu falar das culturas tradicionais nos casamentos dos ovimbundu?

Respostas	Nº de casados	Percentagem
Sim	25	100%
Não	0	0%
Total	25	100%

Fonte: elaboração própria

Quanto a tabela número um, 25 casados (100%) responderam sim.

Tabela 3 questão nº 2- Se sim onde?

Pela Rádio	2	8%
Pela Televisão	1	4%
Em palestra	1	4%
No meio familiar	19	76%
Leitura de livros	2	8%
Pelo jornal		
Total	25	100%

Questão nº 3- O que lembra acerca do que ouviu?

Analisando a tabela, 2 casados o que corresponde a (8%) responderam terem ouvido sobre o tema pela rádio, 1 casado, (4%) disse que ouviu por meio da

televisão, 1 casado (4%) respondeu ter ouvido em palestra, 19 casados (76%) responderam terem ouvido no meio familiar, 2 casados (8%) têm alguma informação por meio da leitura de um livro, o que perfaz 100% da amostra.

Tabela 4 questão 4- Qual é a média em termos de idade em que um jovem nas comunidades ovimbundu se considera apto para se casar?

Respostas	Nº de casados	Percentagem
Rapazes- 18 anos	11	44%
Rapazes- 20 anos	3	12%
Meninas- 15 anos	6	28%
Meninas- 17 anos	5	16%
Total	25	100%

Fonte: elaboração própria

Analisando os dados da tabela, 11 casados (44%), responderam que os rapazes se casam em média aos 18 anos de idade, 3 casados responderam que os rapazes se casam em média aos 20 anos de idade, 6 casados (28%) disseram que as meninas se casam aos 15 anos de idade e 5 casados responderam que as meninas em média se casam aos 17 anos de idade, o que faz 100% da nossa amostra.

Tabela 5 questão nº 5- Qual dos seguintes tipos de casamento predomina nas comunidades ovimbundu do Gungue?

Respostas	Nº de casados	Percentagem
Casamentos arranjados pelos pais	16	64%
Casamentos por iniciativa dos próprios jovens	9	36%
Total	25	100%

Fonte: elaboração própria

Quanto à tabela, 16 casados (64%), responderam que a maior parte de casamentos na Catata são arranjados pelos pais dos jovens e 9 casados (36%) disseram que a maioria dos casamentos actualmente são feitos por iniciativa dos jovens, fazendo 100% da nossa amostra.

Tabela 6 questão nº 6- Qual dos dois (2) casamentos acima descritos tem sido mais sólido e duradouro?

Respostas	Nº de casados	Percentagem
Casamentos arranjados pelos pais	20	80%
Casamentos por iniciativa dos próprios jovens	5	20%
Total	25	100%

Fonte: elaboração própria

Quanto à tabela, podemos observar que 20 casados (80%) defenderam que os casamentos mais duradouro são os arranjados pelos pais dos jovens e 5 Casados disseram que os mais duradouros são os de iniciativa dos jovens, o que perfaz 100% da amostra.

Tabela 7 questão nº 7- Quais são os principais factores que estão na base da dissolução do casamento nas comunidades em estudo?

Respostas	Nº de casados	Percentagens
Falta de filhos	12	48%
Adultério	5	20%
Poligamia	4	16%
Ingerência familiar	4	16%
Total	25	100%

Fonte: elaboração própria

A tabela revela que 12 casados (48%) optaram pela falta de filhos como principal factor de dissolução do casamento, 5 casados (20%) apontaram a poligamia, 4 casados apontaram a poligamia e 4 casados apontaram pela ingerência familiar como causa da dissolução dos casamentos, o que perfaz 100% da amostra.

Tabela 8 questão nº 8- Como é tratada uma mulher divorciada na comunidade do Gungue?

Respostas	Nº de casados	Percentagens
Desrespeitada	10	40%
Abusada	8	32%
Ignorada pela comunidade	4	16%
Assediada por muitos homens	3	12%
Total	25	100%

Fonte: elaboração própria

Quanto a esta última questão, 10 casados (40%) responderam que a mulher divorciada é desrespeitada, 8 casados (32%), responderam que é abusada, 4 casados (16%) disseram que é ignorada no meio da comunidade e 3 casados (12%) disseram que a mulher divorciada é assediada por muitos homens.

CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Conclusões

O Casamento na comuna do Gungue na província do Huíla é parte da História dos povos Bantu que habitam no território angolano, e como académicos, achamos ser uma abordagem de capital importância para o conhecimento de todos. Desta feita, chegamos as seguintes conclusões:

- ✓ Os grupos ovimbundu fazem parte dos bantus que habitam no território angolano, com algumas especificidades nas suas crenças e culturas, que na sua pureza original podem enriquecer a História dos povos de Angola. As crenças, usos e costumes e tradições, são transmitidas no onjango que é uma instituição onde são transmitidos e onde as velhas gerações transmitem conhecimentos para as novas gerações e prepará-las para a sua integração social;
- ✓ Os casamentos nas comunidades ovimbundo do Gungue, podem ser arrançados pelos pais ou por iniciativa dos próprios jovens, quando é pela iniciativa dos jovens, o rapaz comunica ao seu tio o desejo de se casar com a menina e este por sua vez irá transmitir para os pais deste e a rapariga também transmite a uma tia o desejo apresentado pelo rapaz e a tia também comunica para os pais da menina. Depois da informação, quer seja a família do rapaz, como a família da rapariga, estudam de que família o rapaz/rapariga são e analisar se importa ou não aceitar este casamento que irá unir as duas famílias;
- ✓ Nestas comunidades, quando o casamento é arrançado pelos pais, são estes que sensibilizam os filhos para o casamento, isso acontece principalmente quando os pais do rapaz e da rapariga forem amigos;
- ✓ Nas comunidades do Gungue, a poligamia para os homens não se constitui um problema, desde que tenha o poder económico, como gado e terras para o cultivo, como garante da manutenção das famílias por este constituídas.

Sugestões

A elaboração de um trabalho académico não pressupõe o esgotamento de uma determinada temática, pois esta elaboração não é feita de forma cabal. Por esta razão, achamos que este é apenas mais um dos trabalhos que podem ajudar a enriquecer o acervo bibliográfico existente sobre o tema. Sugerimos que:

- ✓ O tema seja abordado por outros académicos e em horizontes diversificados, utilizando outras fontes de modo a dar a conhecer a população académica e não só, um conhecimento mais profundo sobre os casamentos tradicionais em Angola, com destaque ao casamento dos ovimbundu do Gungue;
- ✓ Considerando que o casamento marca a vida de todos homens, e por ser, sugerimos que o tema seja abordado com maior profundidade, de modo a permitir um amplo debate e cativar o interesse dos estudantes pelos assuntos relacionados com o casamento;
- ✓ Que haja mais debates e dissertações sobre o tema de modo a compreender e fazer saber sobre todos os aspectos ligados a este povo de capital importância para a História de Angola.

BIBLIOGRAFIA E ANEXOS

Bibliografia

AZEVEDO, T. (2004). O cotidiano e seus ritos: praia, namoro e ciclos da vida. Recife: Editora Massangana.

BATSÍKAMA, R. & BATSÍKAMA, P. (2010). *Estruturas e Instituições do Kôngo*, Revis-ta de História Comparada-Programa de Pós-graduação em História Comparada/UFRJ, Ano 5, v. 5, n. 1, Rio de Janeiro: PPGHC.

BETTEGA L. M. (2007). O casamento como manifestação de uma cultura: o caso de Nova Palmira. Dissertação apresentada ao curso de Pós- Graduação, em Letras e Cultura Regional, da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

COMUNA (2018) Ministério da Administração do Território e Reforma do Estado.

FERREIRA, V. (1961). *À Lei do divórcio (comentário)*. Lisboa: Aillaud e Bertrand.

GEERTZ, C. (1989). *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.

GOMES, A. A. (2003). Considerações sobre a pesquisa Científica: em busca de caminhos.

GONÇALVES, M. L. M. (2004). Introdução ao direito canônico. Petropolis (RJ): Vozes.

GIDDENS, A. (2010). *Modernidade e Identidade*, Trad. Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Zahar.

LÉVI-STRAUSS, C. (1976). As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis - São Paulo: Vozes.

LIMO, A; SILVA, J. R.; CARVALHO, N. C. (1999). O Cidadão perante a lei: Direitos, Liberdades, Proteção da vida Privada. Lisboa.

LUKAMBA, A. (1987). Evangelização, encontro vivo na cultura umbundu de Angola.

MALUMBU, Mo. (2005). Os Ovimbundu: Tradição – Economia e Cultura Organizativa. Edizioni Vivere.

MARCON, M. LAKATOS, E (2003). Fundamentos de Metodologia Científica. 5ª edição. São Paulo: Editora Atlas;

MASSANGA, J. P. (2014). Diversidade cultural em Cabinda: Estudo sobre as identidades e práticas culturais dos Bawoios do Estudo sobre as identidades e práticas culturais dos bawoios do yabi. Dissertação apresentada ao programa de grau de Mestre, Belo Horizonte. Faculdade de Educação de UFMG.

MEDINA, M. do C. (2005). Direito de Família Anotado. 2.ª ed, revista e atualizada. Luanda: Faculdade de Direito da UAN.

MBAMBI, M. (2007). O Alambamento nos Direitos africanos. Disponível em <http://www.fd.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2014/12/Moisés-Mbambi-o-Alambamento-nos-Direitos-Africanos.Pdf>. Acesso em 31 de Maio 2016.

MUSEU DE ANGOLA: Colecção Etnográfica. Lisboa: Publicações do Museu de Angola, 1955.

MONTEIRO, R. L. (1994). Os Ambós de Angola Antes da Independência. Lisboa: I.S.C.S.P.

MONTEIRO, R. L. (1973). A Família Nos Musseques de Luanda. 2.ª ed. Luanda.

PIMENTE, A. (2001). O método da análise Documental: seu uso numa pesquisa Historiográfica: Caderno de pesquisa nº 114, Novembro.

PRADANOV, C. C. & **FREITAS**, E. C. (2013). Metodologia do trabalho científico: Método e Técnicas da pesquisa e do Trabalho académico 2ª Edição Novo Hamburgo- Rio grande do sul-Brasil.

PRATA, Ana – **Dicionário Jurídico**. 5ª ed. Lisboa: Almedina, 2015.

SANTOS, O. M. (2012). O município na Constituição angolana. Lisboa: Instituto de ciências jurídico-políticas da faculdade de Direito da universidade de Lisboa.

SANTOS, S. M. P. (1999). Brinquedoteca-o lúdico em diferentes contextos; São Paulo: Ed. Vozes; 4ª Edição.

SANTOS, E. (1999). – Direito da Família. Coimbra: Almedina.

SANTOS, Eduardo dos – **Direito da Família**. Coimbra: Almedina,1999.
SCANZONI, Letha Dawson;

S.Paulo. McCulloch, M.(1952). The Ovimbundu of Angola. London.

SEGALEN, M. (2002). *Ritos e rituais contemporâneos*. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV.

TEXEIRA, A. (2015). Educação Integral e Educação do corpo, Currículo sem Fronteira, v. nº 15.

TYLOR, E. B. (1871). Cultura Primitiva;

VALENTE FRANCISCO (Padre), A problemática do matrimónio tribal,...
Lisboa,
1985.

VARELA, A. (1999). – Direito da Família. Vol. I, 5.ª ed. Lisboa: Petrony, 1999.